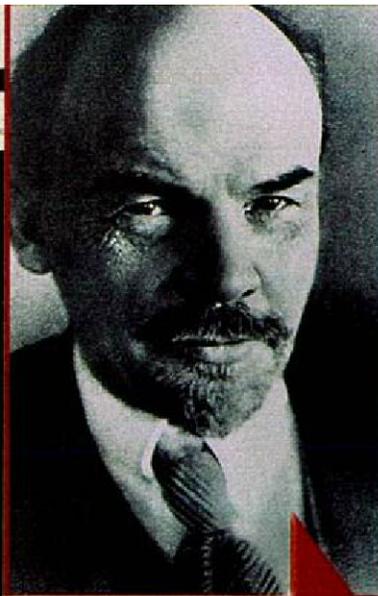


e fomentar o denunciamento que agora parece tanto incomodá-los. A própria carreira política do presidente Lula, e de boa parte dos petistas mais estrelados, beneficiou-se largamente da prática denunciante do PT, ajudando a construir a imagem de lisura ética e de combatividade oposicionista do partido. Uma das táticas mais usadas pelo PT era colocar militantes em postos estratégicos do Estado, onde teriam acesso a informações relevantes, e fazer com que vazassem à imprensa. Agora, o governo do PT faz o contrário. Na semana passada, divulgou o rascunho de um decreto pelo qual os servidores são proibidos de falar à imprensa, prerrogativa que ficaria exclusiva a ministros, assessores especiais e chefes de autarquia. É tão autoritário que até o presidente do PT, José Genoíno, se mostrou contra a proposta.

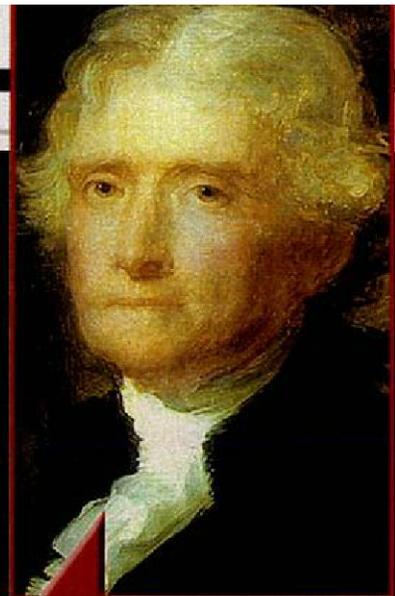
“O servidor público, diante de questões que sinta que são irregulares e ferem a Constituição, não pode ser proibido de falar”, diz Genoíno ao defender que os servidores se rebelem contra a medida, caso entre em vigor. “Temos de democratizar ao máximo a sociedade e a relação do Estado com a sociedade”, acrescenta Genoíno. O governo parece querer controlar a imprensa pelas portas de entrada e saída, regulando o acesso dos jornalistas às fontes e examinando o que se publica. É uma atitude perfeitamente totalitária e revela a inclinação do governo em querer controlar tudo. Se o Palácio do Planalto quer ampliar o acesso ao sigilo fiscal por parte de órgãos públicos de investigação, como o governo também propôs na semana passada, cabe discutir, pois, nesse caso, o governo está lidando com um dado que está sob sua responsabilidade — os dados fiscais de cada declarante. A imprensa, porém, não faz parte do aparato estatal nas democracias. A imprensa não está sob a esfera de controle ou responsabilidade do Estado. A imprensa não é nem complementar ao Estado. Ela é livre, independente e, em seus melhores momentos, antagônica ao Estado.

Não há democracia que controle a imprensa. Nas ditaduras, no entanto, o lema do “todo o poder aos *soviets*” está em alta. No Gabão, o ditador Omar Bongo, com o



VLADIMIR ILYICH LENIN

“POR QUE DEVERÍAMOS ACEITAR A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DE IMPRENSA? POR QUE DEVERIA UM GOVERNO, QUE ESTÁ FAZENDO O QUE ACREDITA ESTAR CERTO, PERMITIR QUE O CRITIQUEM? ELE NÃO ACEITARIA A OPOSIÇÃO DE ARMAS LETAIS. MAS IDÉIAS SÃO MUITO MAIS FATAIS QUE ARMAS.”



THOMAS JEFFERSON

“UMA VEZ QUE A BASE DE NOSSO GOVERNO É A OPINIÃO DO POVO, NOSSO PRIMEIRO OBJETIVO DEVERIA SER MANTÊ-LA INTACTA. E, SE COUBESSE A MIM DECIDIR SE PRECISAMOS DE UM GOVERNO SEM IMPRENSA OU DE UMA IMPRENSA SEM GOVERNO, EU NÃO HESITARIA UM MOMENTO EM ESCOLHER A SEGUNDA SITUAÇÃO.”

Thomas Jefferson (1743-1826) e Vladimir Lenin (1870-1924) foram líderes de revoluções que formularam regras básicas das sociedades que ajudaram a criar — os Estados Unidos e a União Soviética, respectivamente. As frases acima registram o pensamento de ambos sobre a liberdade de expressão. O ideário de Lenin resultou num regime em que a censura foi férrea e o silenciamento dos dissidentes, sistemático. As crenças de Jefferson, radicalmente opostas, traduzem-se ainda hoje nos editoriais dos grandes jornais americanos ou em libelos satíricos como *Fahrenheit 11 de Setembro*, do documentarista Michael Moore. Ou seja, num sistema em que sagrado não é o governo, mas o direito de criticá-lo. Também por isso os Estados Unidos são o que são. Pela razão inversa, a União Soviética morreu.